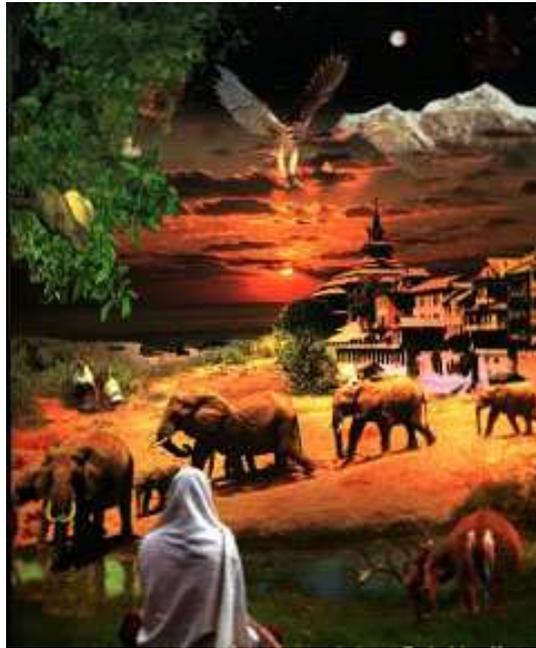


Avadhut Gita

(A Canção do Asceta)



Mahatma Dattatreya

Índice

<i>Índice</i>	<i>1</i>
<i>Avadhut Gita</i>	<i>1</i>
<i>Introdução</i>	<i>2</i>
<i>Capítulo 1</i>	<i>2</i>
<i>Capítulo 2</i>	<i>7</i>
<i>Capítulo 3</i>	<i>9</i>
<i>Capítulo 4</i>	<i>12</i>
<i>Capítulo 5</i>	<i>14</i>
<i>Capítulo 6</i>	<i>15</i>
<i>Capítulo 7</i>	<i>17</i>
<i>Capítulo 8</i>	<i>18</i>

Avadhut Gita

O Bhagavad Gita, "O cântico do Senhor", é o mais famoso texto hindu conhecido no Ocidente, porém, na Índia outros Gitas são igualmente famosos e respeitados. O Avadhut é um deles.

Ele é um dos poucos livros que os Yogues preservam quando da proximidade da realização espiritual e mesmo após...

Ele é, como o nome diz, "A Canção do Asceta", as palavras de um Mestre; Dattatreya, que ouviu a Voz do Silêncio, transcendeu o tempo e nos traz a sabedoria da Idade do Ouro até a nossa Idade do Ferro, Kaly Yuga.

Ele é um clássico de Vedanta, um livro imperdível para toda e qualquer pessoa que se interesse por filosofia oriental e Yoga.

Ele é um, dos "livros de cabeceira" da humanidade, é a Sabedoria Antiga Viva.

O Ocidente parece finalmente estar se abrindo para uma perspectiva não-materialista, não-fragmentada do homem e da natureza. Termos como Holístico, Totalidade, Transpessoal, já fazem parte do cotidiano.

Na tentativa de aprofundar o conhecimento da filosofia Oriental e ao mesmo tempo de mostrar os mitos formadores do Ocidente moderno, apresentamos ao leitor brasileiro clássicos medievais com fundo místico, esotérico e também jóias Vedantinas como o Avadhut Gita, e pinçadas de realidade como O Zen e a Arte do Pastoreio do Touro.

Introdução

O Avadhut Gita do Mahatma Dattatreya é um daqueles livros cuja origem histórica está submersa no tempo.

O seu autor teria vivido na Idade do Ouro (Satyuga) e desde a mais tenra idade demonstrava pendores de asceta e reiterada tendência religiosa.

Sua família era nobre, seu pai o Rei Atri e sua Mãe Anasuya, mulher piedosa tal como o marido. A Rainha teve três filhos: o primeiro foi Dattatreya, o segundo Durvasa e o terceiro Chandrama.

Os três Irmãos tinham características das três Gunas (qualidades da matéria, na filosofia hindu). Chandrama era dominado pela qualidade de Raja (brilho, força, atividade), Durvasa era influenciado pela qualidade de Tamas (trevas, inatividade, lentidão) mas Dattatreya era a personificação de Satva (pureza, sabedoria, luz).

Dattatreya reinou após a morte de seu pai e seu governo foi o mais benigno que o seu país teve; porém ele renunciou a tudo e se tomou monge errante (tal qual Buda) ensinando, a todos os que estivessem preparados, o caminho da libertação.

A palavra "Gita" quer dizer "canção" e "Avadhut" significa "asceta, renunciante, grande alma" (mahatma). Existem muitos Gitas na tradição indiana, sendo no Ocidente o mais conhecido o "Bhagavad Gita", mas na Índia outros Gitas são também muito conhecidos e apreciados; entre eles podemos citar o "Shiva Gita", o "Rama Gita", e o "Devi Gita".

O Avadhut é texto clássico vedantino destinado aos yogues mais avançados; a Vedanta é um dos seis principais Darshanas, pontos de vista da filosofia Hindu. A palavra "Vedanta" quer dizer "final dos Vedas" e o expoente maior da Vedanta foi, sem sombra de dúvidas, Sankacharya, discípulo de Govinda, que viveu por volta de 788-820 AC.

A filosofia Vedanta está calcada na afirmação "Tat Vam Asi"... Ou seja "Tu és Aquilo". Segundo esta filosofia, o Atma é a única realidade, o resto seria Maya (ilusão) ou Avidhya (ignorância).

Somente a Vidya (sabedoria) pode levar o homem a Moksha (libertação), e essa sabedoria já está presente no homem. Ela não se manifesta, apenas, porque os véus sobre a consciência não permitem.

A meditação e a concentração intensa são os principais meios de remover os véus. O Avadhut, embora destinado àqueles que já atingiram um estado avançado na Senda, pode ainda assim ser de ajuda mesmo àqueles que não chegaram a um estágio tão alto de consciência.

Capítulo 1

1. O desejo de Advaitismo¹ é produzido nas mentes dos homens sábios pela graça de Deus, (graça essa que é) um antídoto para todos os medos.
2. No eu, pelo próprio eu, se contém tudo isto (ou seja, o mundo). Como posso adorar o Atma² (que é) informe, incapaz de divisão, e ventura imorredoura?
3. A quem devo oferecer os meus respeitos (quando eu sou Brahman, eu próprio) sempre imaculado? Este mundo é apenas a obra de cinco elementos³ e na realidade não é mais do que u'a miragem.
4. Verdadeiramente tudo isto é Atma. Não existe diferença, tampouco a não-diferença, nem existência ou não-existência: o que devo dizer? A mim tudo isto parece um espanto.
5. Esta é a soma total do Vedanta "Eu sou Atma, o eu sem forma, presente a tudo por sua Natureza".
6. Aquilo que é o Atma sempre refulgente de tudo; pelo tempo ilimitado como espaço, puro e sagrado por sua própria natureza; isso eu sou, sem dúvida.
7. Eu sou imorredouro, puro, infinito e uma morada de conhecimento. Não conheço prazer ou dor, ou alguém a quem eles afetem, ou como.
8. Para mim não há ato da mente que seja bom ou mau, ato do corpo, bom ou mau, ato de fala, bom ou mau. Eu sou o conhecimento, imortal e sempre puro além do alcance dos sentidos.
9. A mente é livre e sem limites como o espaço, é onipresente, a mente é tudo e no entanto. a mente não é a verdade mais elevada. O Atma se acha além da mente.
10. Eu sou este Um onipresente, ilimitado pelo espaço: como posso ver o Atma (Eu) manifesto ou imanifesto?
11. Por que não refletas que tu és Um sozinho, o mesmo em tudo, indestrutível e imorredouro? Tu és sempre exaltado e indivisível. Por que, então, te lamentas dia e noite?
12. Conhece o Atma para sempre como o Um absoluto, onipresente. Eu próprio sou o contemplador e o mais elevado contemplado. Como pode o indivisível ser dividido?
13. Tu não és nascido nem morto, tampouco tens qualquer corpo. Tudo isto é Brahman. Assim declaram os Vedas⁴ para sempre.
14. Tu és Ventura eterna onipresente, dentro e fora. Por que, então, vagueias aqui e acolá como um fantasma?
15. Associação e separação, não existe qualquer delas para ti ou para mim. Não existes tu, não existo eu neste mundo. Tudo isto é Atma, sem dúvida.
16. Som, odor e o mais, são efeitos dos cinco sentidos. Portanto, não és. Tampouco eles te pertencem. Tu és a Verdade mais elevada. Por que, então, te lamentas?
17. Tu não tens nascimento, morte ou mente. Liberdade e confinamento, bem e mal não te afetam. Por que choras, criança? Nem tu, nem eu, temos qualquer nome ou forma.
18. ó mente! Por que vagueias perplexa, como um fantasma? Entende o Atma (que é) incapaz de divisão. Abandona o desejo e sê feliz.

¹ Advaka - Escola Vedantina monista, fundada por Sankara.

² Alma

³ Terra, fogo, água, ar, éter.

⁴ Vedas - Livros sagrados da tradição Hindu, Sama, Atharva, Rig e Iaiur Veda.

19. Verdaderamente és a verdade, livre de todas as mudanças, o inabalável, a morada da emancipação. A ti não pertencem as paixões ou o desejo de paixões. Por que, então, te lamentas, dominado por desejos?

20. Todos os Vedas proclamam que o Atma está livre de todas as qualidades. É uma Existência pura, imorredoura, sem forma e homogênea. Sabe que eu sou isso, sem dúvida.

21. Sabe que tudo que existe em forma é irreal. Conhece o Um indiviso e informe. Pelo conhecimento desta verdade todo o nascimento futuro é nulificado.

22. Os sábios declaram que sem dúvida existe apenas uma entidade imutável. Quando abandonas as paixões e resta apenas UM, a variedade desaparece.

23. Como pode haver Samadhi⁵ se Atma não tem forma? Como pode haver Samadhi se não ocorre assim? Como pode haver Samadhi se não existe nem isto, nem aquilo? Tudo isto é ilimitado, como a própria Liberdade.

24. Tu és a essência imutável pura, sem forma e sem morte. Como podes dizer que sabes isto e não sabes aquilo sobre o Atma?

25. O eu, e somente o eu, é declarado por tais frases como (isso és tu). Isto, não é isto, é a palavra dos Vedas sobre a questão. O mundo fenomenal não é uma realidade.

26. No eu somente e pelo eu (tu) somente se acha contido tudo isto (universo). Para ti não há contemplador, contemplação ou o órgão da contemplação. Como, então, contempas e não te envergonhas?

27. Eu não conheço O venturoso, como posso falar sobre Ele? Eu não conheço O venturoso, como posso adorá-Lo? Eu sou O venturoso, a verdade mais elevada, a essência homoganeamente una, livre e ilimitada como ó espaço.

28. Eu não sou matéria, mas um princípio imutável e além do alcance da imaginação. Sou livre de toda a servidão, nem sou alguém que escraviza (outros). Como posso, então, ser cognoscível em minha natureza?

29. Não existe outro senão o Um eterno, nenhum outro senão o princípio da existência. Apenas Atma é a verdade mais elevada. Não existe um que mata, nem o ato de matar.

30. Quando um vaso se parte, seu espaço interior surge para o espaço universal; similarmente, na mente pura, apenas o Atma imaculado permanece. E então nenhuma diferença, em absoluto, existe para mim.

31. Não existe o vaso, nem o espaço ocupado por ele; tampouco a alma individual ou seu receptáculo. Conhece o Brahman apenas, em quem não existe o cognoscente ou ,aquilo que é paira ser conhecido.

32. Conhece o Atma como o eternamente verdadeiro em todos os lugares, em todos os tempos, porque de todas as maneiras o mundo é irreal mas o Atma é a própria realidade. Sabe que assim existo, sem dúvida.

33. Não existem os Vedas nem as diferentes religiões; tampouco os deuses ou os sacrifícios; nem as etapas diferentes da vida, família, ou casta; tampouco a trilha de fumaça ou a trilha da luz; apenas existe o Brahman, a verdade mais elevada.

34. Quando estás de fato esvaziado de tudo e estás onipresente, como podes achar que estás presente ou ausente?

35. Alguns anseiam pela Unidade, outros pela Dualidade. Eles não conhecem a Essência imutável destituída de toda a dualidade e unidade.

⁵ Samadhi - O mais alto estado de realização espiritual.

36. Como podem eles descrever a Essência que está vazia de todas as cores como o branco e as demais, ou de todos os atributos, tais como o som e o resto, e que é inacessível ao pensamento e fala?

37. Quando alguém chega a conhecer Brahman, todo este mundo de matéria aparece sem base, como o ar. E então não resta dualismo em Um.

38. A mim o Atma parece ser um, somente, e idêntico a Brahman. Como pode haver um contemplador, ou a contemplação em quem está livre como o espaço e não tem dualidade?

39. O que quer que eu faça, coma, sacrifique e dê, nada é meu. Eu sou o puro, não gerado e imorredouro.

40. Fica sabendo que todo o universo existe sem for-ma; que todo o universo existe sem mudança; aprende, agora, que todo o universo é como uma corporificação da pureza; que todo o universo é como uma espécie de Ventura ininterrupta.

41. Tu és sem dúvida a Essência verdadeira; que mais sei eu? Como então achas. que o Atma seja inacessível ou acessível ao conhecimento?

42. Ó caro! O que falas do Maya ou não Maya? Não existe a substância, nem a sua sombra. Tudo isto é uma Existência, pura e livre como o espaço.

43. Eu sou sem começo, meio ou fim; tampouco me encontro em servidão. Sou puro em natureza. Esta é minha opinião definitiva.

44. Este mundo, embora grandioso, parece-me nada. Tudo isto é Brahman. Como podem haver quaisquer etapas prescritas de vida?

45. Eu sempre sei tudo. Sou eternamente um, verdadeiro e sem apoio. O Mundo com seus fenômenos, tais como o céu, etc., é falso.

46. Tu não és um animal, homem ou mulher, tampouco és conhecimento ou ignorância; como, então, te consideras cheio de venturas ou destituído delas?

47. Tu és uma Essência imorredoura, pura por tua própria natureza, não pura por virtude do Sadânga Yoga ou pela eliminação da mente ou pelas instruções do Guru.

48. Tu não és um estojo de cinco elementos, tampouco alguém sem um corpo. Tudo é apenas Atma. Como podem haver a terceira ou quarta etapas?

49. Não estou manietado, nem livre, tampouco me acho separado de Brahman. Não sou um agente, nem um desfrutador, acho-me despido de tudo que permeia e que é Permeado.

50. Assim como a água atirada em água se toma uma só, sem distinção, a mim parece que o Prakriti⁶ e o Purusha⁷ são inseparáveis um do outro.

51. Quando não estás manietado, nem liberado, como então te consideras ser com ou sem forma?

52. Eu sei que teu eu supremo está livre e onipresente como o espaço visível. Tudo o mais (o mundo) é ilusório como miragem.

53. Não existe o Guru nem sua instrução, tampouco upadhi ou ação. Conhece o que é imaterial, livre como o espaço. Eu sou puro por minha própria natureza.

54. Tu és puro e incorpóreo, tua mente é mais elevada que a mais elevada. Eu sou o Atma, o mais elevado de todos, não te envergonhes de dizê-lo.

⁶ matéria

⁷ espírito

55. Por que choras, ó mente? Exalta-te por teu Atma, criança. Bebe as águas da imortalidade e do Advaitismo.

56. Não é conhecimento, tampouco a falta de conhecimento, nem conhecimento e ignorância juntos. Quem tem tal tipo de conhecimento possui um conhecimento verdadeiro, como não existe outro melhor.

57. Não existe sabedoria ou lógica, nem meditação ou Yoga, tampouco tempo ou espaço, nem existem as instruções de um Guru. Eu sou a Verdade mais elevada, eternamente livre como o espaço.

58. Não sou nascido, nem morto, tampouco meus atos são bons ou maus. Eu sou o Brahman puro e sem descrições. Como pode haver servidão ou emancipação para mim?

59. Se O refulgente é difundido e preenche tudo por toda a parte, não vejo quaisquer diferenças. Como, então, pode haver qualquer exterior ou interior?

60. Que maravilhosa é Maya, causa das noções de unidade e dualidade, pelas quais este universo parece um e intacto!

61. Não há existências materiais ou imateriais, assim dizem os Vedas para sempre. Existe apenas o Atma, destituído de todas as dimensões de unidade e de separação.

62. Tu não tens pai ou mãe, irmão ou esposa, amigo ou filho. Tu não és afetado pela parcialidade ou imparcialidade. Como, então, pode existir esta perturbação em tua mente?

63. Não há dia ou noite, tampouco amanhecer ou ocaso em tua mente. Como podem homens sábios atribuir corpo ao incorpóreo?

64. Sabe que o Atma imorredouro é destituído de todo ou de parte. Nele não há divisão ou união, nem pesar, nem alegria.

65. Não sou agente, nem desfrutador, tampouco existem quaisquer atos a me prenderem. Não sou corpo, nem incorpóreo; como pode a posse ser atribuída a quem tem nenhuma?

66. Não sou contaminado pelas paixões, etc. tampouco sofro aflições corporais. Conhece-me como o eu ilimitado como o espaço.

67. Amigo, o que ganhas falando tanto? Amigo, o que ganhas com tais contorções intelectuais? Já te disse o que é a essência verdadeira. Tu és o mais elevado Eu, ilimitado como o espaço.

68. Deixa que os Yogues morram com qualquer impressão mental e em qualquer lugar; eles se submergirão no Brahman como o espaço ocupado por um vaso se une com o espaço exterior.

69. Aquele que morre, quer em casa ou em local de peregrinação, tendo-se despido de todas as ligações pessoais, se toma o Eu mais elevado de todos, permeando tudo.

70. Os Yogues consideram toda a virtude, riqueza, ambição, as criaturas móveis de todas as ordens, até mesmo a salvação, como tão imaginárias quanto a miragem.

71. Não desfruto, nem deixo de desfrutar os atos que foram ou estejam sendo cometidos. Esta é minha crença firme.

72. O asceta batizado pelo sentimento de unidade vive feliz neste mundo de vacuidade; caminha sozinho, abandonando todo o orgulho, porque se realiza em seu próprio eu.

73. Não existe o terceiro, nem o quarto estado de consciência: o mais elevado de todos se realiza em si próprio. Não há virtude ou vício. Como podem haver servidão ou emancipação?

74. O asceta imerso no sentimento de unidade e purificado de todas as suas afecções mentais declara a verdade que nem os Mantrans⁸, nem os versos védicos, ou a lógica podem exprimir (Brahman).

75. Não existe vazio, nem plenitude, tampouco existência ou inexistência. Isto foi expresso de acordo com juízo intuitivo completado pelas instruções dos shastras.

Fim do primeiro capítulo do Avadhuta Gita, por Shri Dattatreya, sobre o conhecimento do Atma.

Capítulo 2

1. Jamais deve importar se o professor é um menino ou alguém dependente do prazer sensório, ou se trata de um idiota ou servidor braçal, ou dona de casa. Alguém recusaria um diamante que estivesse incrustado de impurezas?

2. Não deve importar se o Guru é ou não dotado de erudição poética. O sábio deve colher o bom que há nele. Por acaso o barco que não esteja pintado em vermelhão deixa de transportar passageiros ao outro lado do rio?

3. Todo o mundo móvel e imóvel está englobado pela alma imutável, sem esforço algum. Esse Atma é por natureza tranquilo, inteligente e livre como o espaço.

4. Ele movimenta todo o Mundo móvel e imóvel sem o menor esforço. É onipresente. Como pode estar separado de mim?

5. Mais sutil do que a própria Natureza, sou eterna e imutável Ventura, livre do bem e do mal, livre do movimento e da inércia.

6. Sou incorpóreo e adorado assim pelos deuses. Sendo onipresente, os deuses não são diferentes de mim.

7. Não creias ser eu quem impele os impulsos enganosos da mente. Eles surgem e se dissolvem como bolhas em um rio.

8 e 9. Assim como a maciez, dureza, doçura e amargor são inseparáveis do macio, duro, doce e amargo, como o frio e a maciez são inseparáveis da água, também o Prakriti (Natureza ou matéria) que preenche tudo, do mais sutil elemento aos objetos mais grosseiros, apresenta-se inseparável do Purusha.

10. Está além de qualquer distinção de nomes; é mais sutil que o mais sutil; encontra-se além do alcance do intelecto, da mente e dos sentidos. É o imaculado Senhor do Universo.

11. Sendo Ele assim por Sua natureza, como pode haver "Eu" ou "Tu" ou este mundo n'Ele?

12. O que chamamos livre e ilimitado como o céu, na verdade o é (pois não existe outro céu ao qual esta comparação se aplique). É imaculado e absoluto. Somente ele é Inteligência onisciente.

13. Ele (Atma) não se move no chão, tampouco é levado pelo vento ou coberto pela água. Declara-se Ele que está sentado no meio da Luz Eterna.

14. O espaço por toda a parte está permeado por Ele. Ele não é permeado por coisa alguma. Está englobando tudo, dentro e fora, e é Eterno e indivisível.

15. Sendo sutil, invisível e sem atributos, não pode ser percebido de imediato. Sua percepção vem vagarosamente, como os Yogues explicaram.

16. Ele que não depende de alguém e está incessantemente absorto na devoção e se libertou de todos os méritos ou defeitos internos, funde-se no curso desta disciplina, no Brahman. Não há outro meio de atingir essa absorção.

⁸ Mantrans - Fórmulas mágicas, preces, sons.

17. Este é o único remédio soberano (néctar) para destruir a árvore venenosa, amarga e criadora de ilusões deste mundo.

18. Aquilo que tem forma pode ser visto pelo olho, „mas aquilo que não tem forma só pode ser alcançado pelo sentimento. Acha-se além da existência e da inexistência ,do mesmo modo e por isso é chamado antarat, o mais interno de todos.

19. Tudo que aparece externamente é o mundo. Dentro dele, é o Prakriti. Aquilo que se acha dentro desse ambiente interno merece ser compreendido, assim como compreendemos a existência da água em um coco que exteriormente parece feito de invólucro duro e além do qual há .a camada de polpa e depois sua água, que é a coisa mais interna de todas.

20. O conhecimento das aparências externas é falso. O conhecimento de seu significado interno é sabedoria, porém o conhecimento do que se acha mais internamente vale a pena alcançar. O exemplo do coco e seu invólucro duro, polpa e água, também se justifica neste caso.

21. Assim como a Lua na noite do Purnamasi (último dia do mês hindu) é uma e não apresenta defeitos, assim é ,o Atma. A dualidade é o resultado apenas da perversão da visão.

22. As distinções são, desse modo, apenas os resultados da visão da pessoa, não as características do Onipresente. O adquirente deste conhecimento alcança o vigor mental necessário. O (Brahman) é decantado por milhões de nomes.

23. Aquele que, erudito ou idiota, desperta para o conhecimento da Verdade mediante os ensinamentos de um Guru não se importa com o oceano da existência, isto é, se vê libertado dos cicios de migrações.

24. Aquele que, livre das paixões e animosidade, estiver disposto a fazer o bem a todos os seres, que tiver convicções firmes e decisão forte, alcança a meta suprema.

25. Assim como o espaço ocupado por um vaso se difunde, ao se partir o vaso, no espaço onipresente, também o Yogue, ao dissolver-se seu corpo, se funde com o espírito supremo.

26. Apenas no caso do Karmayogue⁹ (o que pratica a trilha da ação) é que seu último desejo determina seu nascimento futuro. Esta doutrina do nascimento futuro seguindo-se ao último desejo não é tida como aplicável no caso do Yogue que pratica a trilha do conhecimento.

27. A meta dos que seguem a senda das ações pode ser descrita pela faculdade da fala, mas a meta dos Yogues é inteiramente indescritível.

28. Esta meta dos Yogues é imorredoura e se acha além da conceituação. Para quem a conhece, o êxito vem por si mesmo.

29. O Yogue, quer morra em lugar de peregrinação ou em casa de um chandal (pessoa baixa e impura) ou em qualquer outro lugar não volta a ver o nascimento. Funde-se no Eu Supremo.

30. Quem compreende o Atma que é, por sua natureza, além do nascimento e concepção, não se vê contaminado por qualquer impureza, embora se comporte como lhe aprouver. Sendo assim imaculável por pecado, esse Yogue realmente nada faz que o possa prender.

31. Ele atinge aquele Atma Eterno e Supremo que se acha livre de todas as enfermidades, que não possui forma, não tem contornos, apoio, corpo, desejo, é livre de paixão, animosidade e apego, e que é um poder inexaurível.

32. Ele atinge aquele Atma Eterno e Supremo que tem tão pouco a ver com os Vedas quanto com o professor e o discípulo, ou com a instrução sagrada. O rito de escanhoar a cabeça, os segredos dos Mantras e a prática das posições e gestos devocionais¹⁰ não têm ligação com ele.

⁹ Karma, ação e reação.

¹⁰ Mudras, gestos ritualísticos.

33. Ele alcança aquele Atma Supremo que não se caracteriza pelo sectarismo dos Shiva ou dos Shakti, que não é globular nem de qualquer outra forma, que não tem mãos ou pés e no qual não há espaço.

34. Ele alcança aquele Atma Eterno e Supremo de quem este universo emerge, pelo qual é mantido e no qual afinal se dissolve, assim como as bolhas de um rio, que emergem e se fundem em suas águas.

35. Ele alcança aquele Atma Eterno e Supremo que não pode ser compreendido pela fixação do olhar na ponta do nariz, em que não existe conhecimento ou ignorância e no qual não se encontram músculos ou veias.

36. Ele alcança aquele Atma Eterno e Supremo que se acha livre de todas as noções de relatividade tais como variedade, unidade, qualidade, diferenciação, grandeza, pequenez, largura ou vacuidade e todas as noções de mensuração e sua capacidade, ou noções de igualdade ou disparidade.

37. Ele alcança aquele Atma Eterno e Supremo, quer tenha ou não controlado seus sentidos, quer tenha ou não a cobiça de posses, quer se abstenha de, ou execute ações.

38. Ele alcança aquele Atma Eterno e Supremo, onipresente como o éter, que não tem mente ou intelecto, nem corpo nem sentidos, nem a quintessência dos elementos, tampouco os elementos, nem o Ahankar (egoísmo).

39. Para o Yogue cuja mente, despida de todas as noções de dualidade, se funde no Espírito Supremo, não há dever ou abstinências quanto ao dever, nem ordenação de pureza, tampouco sua proibição. Em outras palavras, nada há para ele que seja prescrito ou proscrito aos homens.

40. O que a mente e a fala são incapazes de explicar, como pode o ensinamento de um Guru explicar? Para o Guru que está uno com Atma e que explica este segredo (divino), a verdade se apresenta sempre a mesma por toda a parte.

Capítulo 3

1. Como posso adorar essa Ventura (Brahman) que é ente como o espaço, em que não há distinção quanto a forma ou informidade? Ela é despida de amor e ódio, a ou informidade; é eternamente pura e destituída de os fenômenos, onipresente, e o universo é sua imagem.

2. Ó, caro amigo! Como posso saudar a mim mesmo no Eu, pois eu sou (eu próprio) a Ventura Suprema Eterna que não tem distinção de cores tais como o branco, etc, que não se acha preso por causa e efeito, que é imutável a todas as mudanças e uma Ventura ilimitada?

3. Eu existo sempre, não sendo nem a origem, nem o originador das coisas. Eu existo sempre, não sendo nem brilhante, nem tenebroso. Eu existo sempre, não sendo nem luz, nem escuridão. Eu sou o conhecimento imortal, uniforme e onipresente como o espaço.

4. Como posso denominar O sem-desejos como desejos? Como posso denominar O desprendido como apegado? Como posso chamar O imaterial como material? Eu sou o conhecimento imortal, uniforme e onipresente como o espaço.

5. Como posso denominar tudo isto de um, como posso chamar tudo isto de múltiplo, como posso chamar tudo isto de eterno ou efêmero? Eu sou o conhecimento imortal, uniforme e onipresente como o espaço.

6. Nosso Atma não é material, nem etéreo, sujeito a migrações ou tendo qualquer início, meio ou fim; nem isto, nem aquilo. Estou dizendo a verdade, porque sou a Verdade Suprema. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

7. Fica sabendo que todos os sentidos são insubstanciais como o céu; que todas as paixões são insubstanciais como o céu; que Atma, apenas, está livre de todas as impurezas, servidões e mesmo libertação. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

8. Ó caro! o Atma é difícil de compreender e seu conhecimento inacessível; eu não sou sequer esse conhecimento (pois afinal ele é falso). Ó caro! o Atma é difícil de conceber, tal concepção é inatingível; não

sou sequer essa concepção, pois também ela é falsa; mesmo uma aproximação a ela é difícil; não sou sequer isso (pois também é falsa). Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

9. Eu sou destituído de todas as ações. Eu sou o fogo que destrói todas as ações. Eu sou destituído de todos os sofrimentos. Eu sou o fogo que destrói todos os sofrimentos. Eu sou incorpóreo. Eu sou o fogo que destrói todos os corpos. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

10. Eu sou sem pecados, Eu sou o fogo que destrói todos os pecados. Estou livre de todos os deveres. Eu sou o fogo que engole todos os deveres. Eu sou sem servidões.

11. Ó crianças! Eu não sou dotado de sentimentos nem estou sem eles. Não tenho companhia, nem estou sem ela; não tenho mente, nem a deixo de ter, eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

12. Eu sou destituído tanto de apego quanto de desapego; SOU destituído tanto de alegria quanto de tristeza; sou destituído tanto de cobiça quanto de não-cobiça. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

13. A árvore da continuidade do Samsara¹¹ (mundo) não é Para mim; a alegria da Continuidade do contentamento não me afeta; a servidão da ignorância não é para mim. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

14. A atividade do Samsara (mundo) incessante não me afeta; a escuridão do sofrimento incessante não me afeta; a paz advinda do desempenho do dever não me afeta; eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

15. O curso das ações que produz sofrimento não me prende; a mente afetada pelos efeitos do sofrimento não se acha em mim; o material que produz Ahankar (egoísmo) não está em mim; eu sou o conhecimento mortal, imutável e onipresente como o espaço.

16. Não sou calmo, nem perturbado; não sou refletido, nem irrefletido; estou destituído tanto dos estados de sono como de vigília; não sou bem, nem mal, nem móvel, nem parado. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

17. Esse Alma não é o sabedor, nem a coisa a ser sabida, pois se acha além de todos os argumentos e debates; não é a mente, nem o intelecto, pois inacessível a todas as expressões. Como posso explicar-te esta verdade? Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

18. Ele é a essência Suprema da Verdade, despido de qualquer dualidade ou não-dualidade; a Verdade Suprema não tem exterior ou interior: não é o que era antes; não está ligada a qualquer coisa, tampouco é algo. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

19. Eu sou verazmente o Ser imaculado de qualquer vício advindo das paixões, etc. Sou verazmente o Ser despido de todo o sofrimento resultante do desprazer dos deuses, etc. Sou verazmente o Ser despido de quaisquer sofrimentos humanos. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

20. Se o Atma é livre das três etapas de consciência, como pode a quarta etapa ser-lhe atribuída? Se está livre das três divisões do tempo, como pode qualquer posição ser-lhe atribuída? É a morada suprema da tranqüillidade e a própria verdade suprema. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

21. Sou incapaz de grandes ou pequenas divisões; sou incapaz de extensão ou contração; não sou redondo, nem pontudo. Sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

22. Nenhum pai, esposa ou filho jamais nasceu para mim, tampouco algum deles morreu ou me pertenceu. Minha mente nunca foi ou é volúvel ou firme. Eu sou a Verdade Suprema, o conhecimento imortal e imutável, onipresente como o espaço.

¹¹ Aroda da existência.

23. Eu sou puro, superlativamente puro, inatingível pelo pensamento, a própria forma de infinidade. Embora não associado, impensável e tendo aspectos infinitos, associo-me a tudo; sou indivisível porém divisível. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

24. Se existe uma Verdade Suprema imaculada, como pode haver legião de Brahmans e outros deuses e regiões tais como os céus, etc, nela? Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

25. Como posso dizer que não é, Neti, Neti, ou seja, não é isto, não é isto? Como posso descrever aquilo que é o resíduo imaculado último de tudo que é? Como posso descrever aquilo que é despido de todos os símbolos? Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

26. Eu sou destituído de ações, no entanto desempenho várias ações; sou sem ligações, no entanto me desfruto de modos vários; sou sem corpo, no entanto me entrego a prazeres constantes. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

27. Eu me acho além do espetáculo dos fenômenos ilusórios (o mundo), além de toda a ostentação de arrogância, além de todas as imposições da tirania, além de todos os fenômenos da verdade e falsidade. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

28. Embora despido de todas as mudanças do tempo, não me encontro isolado; embora despido de consciência interna, não sou surdo ou mudo; embora despido de todas as mudanças, não me acho separado até mesmo da impureza do pensamento. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

29. Não sou o senhor, nem o criado; não tenho ligações familiares; não tenho ansiedade, pois não possuo mente. Todas as dificuldades não me afetam; conhece(-me) como despido de tudo e destituído de todas as relações. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

30. O mundo é como um ermo solitário. Que posso dizer dele? Ele (o mundo) é prova positiva de todas as incertezas. Que devo dizer dele? (O Atma) é perpetuamente o mesmo, livre de todos os problemas. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

31. (O Atma) parece ser despido tanto das coisas sensíveis como das insensíveis; ele não se originou de alguma coisa, nem alguma coisa se originou dele; é o próprio Nirvana, uma Liberdade Eterna. Eu sou o conhecimento mortal, imutável e onipresente como o espaço.

32. O Atma é perpetuamente despido de toda a prosperidade mundana, acha-se livre do ciclo incessante de nascimentos; é igualmente livre do ciclo incessante das mortes. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

33. Tu não tens nome ou forma; tu és indivisível, tampouco qualquer elemento diferenciador existe em ti. Ó coração desavergonhado! Por que, então, te lamentas? Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

34. Ó amigo! (isto é, coração) por que choras? Tu não tens dores de parto, nem idade avançada, nem morte, nem (qualquer outra) mudança. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

35. Ó amigo, por que choras? Tu não tens beleza ou fealdade, nem idade avançada, etc. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

36. Ó amigo, por que choras? Tu não tens mente ou sentidos, nem idade avançada, etc. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

37. Ó amigo, por que choras? Tu não tens desejo; tu não tens cobiça; tu não tens apego. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

38. Por que anseias pela riqueza? Tu estás acima de todas as riquezas. Por que anseias por felicidade? Tu não tens esposa. Por que anseias por posses? Nada é teu. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

39. A característica que produz o mundo não é tua nem minha. O (mundo) tem uma aparência de variedade apenas para a mente estúpida e desavergonhada. Não existe diferença alguma, de qualquer espécie, em ti ou em mim. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

40. Verazmente tu não tens paixão, despaixão, ou qualquer desejo. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

41. Com relação a ti não existe Samadhi ou meditação; nem sujeito, nem objeto de meditação; nem exterior (nem interior); nem matéria, nem tempo. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

42. Eu te expliquei a verdade suprema e final. Não existes tu, nem existo eu, coisa alguma grande (ou pequena), tampouco qualquer mestre ou qualquer discípulo. Essa ,Verdade Suprema, em sua própria natureza, é absolutamente livre. Eu sou o conhecimento imortal, imutável e onipresente como o espaço.

43. Se é a Ventura, ela própria, onipresente como o espaço, como pode haver outra verdade suprema? Se é a Ventura, ela própria, onipresente como o espaço, como pode haver algo superior (a ela)? Se é tanto o conhecimento quanto a verdade, como pode haver algo mais elevado?

44. Fica sabendo que toda a verdade está despida de fogo e vento, despida de terra e água, despida de todo o movimento e é onipresente como o espaço.

45. Não é da forma do vácuo, nem da matéria. Não é pura nem impura. Não é de boa ou de má forma. É o seu próprio Eu - a Verdade Suprema.

46. Desiste do mundo, desiste até da renúncia; abandona tanto a renúncia quanto a não-renúncia. O Atma, por sua própria natureza, é imaculado, imortal e uma certeza total.

Capítulo 4

1. Não se pode invocá-lo, nem se despedir dele. Tampouco podem folhas e flores ser-lhe oferecidas, nem a meditação ou o cântico de Mantras aplicar-se a ele. Encarar tudo por igual é a adoração verdadeira desse Venturoso.

2. Eu sou não apenas livre de todas as servidões naturais e adquiridas, não apenas livre de toda a pureza interna e externa, não apenas livre de todas as relações de união ou separação, como sou completamente a Liberdade Eterna, desimpedida como os céus.

3. Se todo este (mundo) é, na verdade, criado ou apenas criado como uma ilusão, estes pensamentos não surgem em mim. Sou, por natureza, livre e além de todos os males.

4. Não estou incrustado como o Maya¹², tampouco deixo de estar. Não existe diferença ou não-diferença, tampouco a variedade me afeta. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

5. Nem o conhecimento, nem a ignorância, me dizem respeito. Eu não sou a forma de conhecimento. Como Posso falar de conhecimento ou de ignorância? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

6. Não sou virtuoso, nem pecador, preso ou livre. Relação alguma me afeta. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

7. Não sou isto, nem aquilo, tampouco intermédio, nem relações com o amigo ou inimigo me afetam, tampouco tenho algo a ver com o bem ou o mal. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

¹² Maya-ilusão.

8. Não sou o devoto, nem aquele a quem a devoção se oferece. Para mim não existe qualquer instrução, tampouco qualquer oferece. Para mim não existe qualquer instrução, tampouco qualquer dever. Nem mesmo sou a forma de conhecimento. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

9. Não sou o impregnador, nem o impregnado. Não sou o local de repouso, nem o seu oposto. Não sou vazio, nem cheio. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

10. Não sou o que captura, nem o capturado. Para mim não existe causa, nem efeito. Como posso ser alguém em quem se possa pensar ou deixar de pensar? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

11. Não sou a causa de diferenças, tampouco diferença alguma existe em mim. Não sou o sabedor, nem o sabido. Ó caro! Como posso, então, falar do passado e do futuro? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

12. Não tenho corpo, tampouco sou incorpóreo. Não possuo intelecto, mente ou sentidos. Não sou afetado pela paixão, nem despaixão.. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

13. (O Atma) nem mesmo em nome é diferente (do Brahman). Não se acha oculto nas palavras elevadas (dos Vedas). ó amigo! Como o posso chamar uniforme ou variado? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

14. Eu controlo e não controlo os sentidos. Não existe lei ou ordenação para mim. ó amigo! Assim sendo, como posso dizer que a vitória ou a derrota me afetam? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

15. Sou informe; não existe imagem minha. Não tenho principio, fim ou meio. ó amigo! Como posso ser chamado de forte ou fraco? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

16. Para mim não há morte, nem imortalidade, tampouco néctar ou veneno, nem pureza, nem impureza. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

17. Para mim não existe despertar, nem adormecer, ou quaisquer posições devocionais, nem dia ou noite, ventura ou sofrimento. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

18. Conhece-me como livre de um e de tudo. Para mim não existe o Maya (ilusão), nem seu oposto. Como posso ser tido como tendo a ver com o Sandhya e outros a deveres devocionais prescritos? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

19. Fica sabendo que eu estou associado a todas as meditações concentradas (Samadhis), além de tudo que pode e não pode ser o objetivo do pensamento. Como posso, então, falar de união ou separação? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

20. Não sou um idiota, nem um erudito. Não sou loquaz, nem reticente. Como posso, então, dizer que a discussão ou a crítica me afetam? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

21. Não tenho pai ou mãe, tampouco casta ou família, nascimento ou morte. Como posso, então, falar de apego ou desapego? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

22. Sou sempre resplandecente. Jamais tenho ocaso ou desapareço. Para mim não existe luz ou trevas. Como posso dizer que os desempenhos devocionais, como os observados de noite ou de manhã, me obrigam? Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

23. Conhece-me com certeza, destituído de origem; sem diferença ou divisão. Conhece-me com certeza, destituído de impureza. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

24. Os sábios renunciam a todas as meditações devocionais e aos atos, bons e maus. ó caro! Eles só se abeberam no néctar da renúncia. Eu sou, por natureza, a Liberdade Eterna além de todos os males.

25. O Asceta esclarecido que foi expurgado de todos os desejos maus e se acha submerso no sentimento de Unidade completa declara a verdade que ninguém consegue saber (o Brahman, que nem os versos védicos nem as definições lógicas podem jamais descrever).

Capítulo 5

1. O som "Om"¹³ quando proferido, é indicativo do Brahman e, portanto, onipresente como os céus. Não há noção da realidade superior ou inferior nele. É negativo tanto para o prazer mundano como para a dor. Assim sendo, como pode uma letra com um ponto ser pronunciada? (pois isso denotaria uma dualidade, quando o fato é a não-dualidade rígida).

2. Tu és o princípio Eterno da Alma, como declaram os versos védicos, tais como 'Tu és Aquilo'. Tu és destituído de todas as obstruções e és universalmente um. Sendo tudo um, por que lamentas, ó coração?

3. É tudo um vazio de altura ou profundidade. É tudo um vazio de exterior ou inferior. É tudo um vazio de número. Sendo tudo um, por que lamentar-te, ó coração?

4. É tudo além de toda a concepção e tudo que é concebido. Está além de causa e efeito. É vazio de todas as palavras e arranjos de palavras. É tudo um. Assim sendo, por que te lamentas, ó coração?

5. Está além da concentração do conhecimento. Está além da globalidade do espaço. Está além do alcance do Tempo. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

6. Não é a panela nem o espaço por ela ocupado; não é o corpo nem o Jiva nele habitante; nem a causa, nem o efeito. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

7. É emancipação para sempre e mais sempre. Está destituído de todas as distinções de ser curto ou longo. Não está marcado por qualquer arredondamento ou angularidade. É tudo um. Assim sendo, por que te lamentas, ó coração?

8. Está vazio tanto de plenitude quanto de vácuo; está vazio tanto de pureza como de impureza, é incapaz de ser o todo ou uma parte. É tudo um só. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

9. A ele idéia alguma de unidade ou separação se aplica; nenhuma idéia de interioridade ou de sua união se aplica. É tudo um, destituído de todas as distinções quanto a amigo ou inimigo. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

10. Não é discípulo nem o não-discípulo. Nele não há distinção de seres animados ou inanimados. É a meta eterna de emancipação. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

11. Está verazmente destituído tanto de forma como de informidade. Está destituído de separação ou inseparação. Está destituído tanto de origem como de dissolução. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

12. Não está preso pela servidão de qualidades boas ou más. Como pode passar pelo nascimento e morte? É tudo um, puro e imaculado. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

13. Está destituído de todos os pensamentos e sentimentos. Está destituído de desejo e ausência de desejos. É verazmente o conhecimento mais elevado e a emancipação eterna. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

14. É a verdade - a verdade Eterna. Está destituído de todas as idéias de união ou separação. Está destituído de tudo e é universalmente um. Assim sendo, por que te lamentas, ó coração?

15. Não tem lugar de morada. Para ele todos são como os membros de uma família. É rigidamente incapaz de contato ou ausência de contato. Está verazmente além de todo o conhecimento e ignorância. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

¹³ AUM - O maior mantran (som, mágico, oração) dos indianos, o princípio, o meio e o fim de todas as coisas.

16. (Este mundo) sendo uma mudança do que é imutável, uma materialização do que não pode ser conhecido, é falso. Se o Atma que é todo um, é a única entidade real, nesse caso por que te lamentas, ó coração?

17. Tudo isto verazmente é vida - vida eterna. Tudo isto é vida, pura, inconspurada. Tudo é verazmente Um. Por que, então, te lamentas, ó coração?

18. Não se sabe se a discriminação ou indiscriminação constitui a qualidade do Brahman. Não se sabe se ele se caracteriza ou não pela mudança. Se ele é Uma Consciência Eterna, e tudo é um, por que te lamentas, ó coração?

19. Não existe realmente servidão ou libertação, tampouco virtude ou vício, plenitude ou vácuo. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

20. Se está igualmente destituído de cor e descolorido, se está igualmente destituído de causa e efeito, se está igualmente destituído de unidade e separação, nesse caso sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

21. Ele reside em todos os corações, sendo onipresente. Mora em todos os corações, sendo uma existência imutável. Reside em todos os corações, não tendo pés, etc. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

22. Está verdadeiramente por toda a parte, sempiterno e onipresente. E supremamente puro e imutável e subjacente a tudo. É penetrante e interpenetrante, indiferente ao dia e noite. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

23. Não se acha preso por qualquer espécie de lia-me. Não admite união ou separação. Não pode ser alcançado por debates ou críticas. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

24. Não está preso pelo tempo e seus períodos. Não é tocado pelo fogo. É Verdade, pura e simples. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

25. Não é material nem imaterial. Acha-se igualmente destituído dos estados de sono e sono profundo. Acha-se certamente além de toda a fala e descrição. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

26. É como os céus, imenso e uniforme. Não está separado de tudo que existe, pois é universalmente um. Por toda a parte é o mesmo ser além da realidade, irrealidade e todas as mudanças. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

27. É igualmente indiferente à virtude e vício, aos desfrutes materiais e imateriais e às paixões despaixões. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

28. Está igualmente destituído de prazer ou dor, sendo tudo igual. Acha-se muito além de pesar e alegria. Não é mestre, nem discípulo. É a Verdade e a Verdade Suprema. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

29. Nele verazmente não há embrião da realidade ou falsidão. Não é móvel nem imóvel, uniforme ou variado. Acha-se além de todas as observâncias ritualistas ou não-ritualistas. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

30. É a quintessência de todos os essenciais. Expressível apenas na auto-compreensão. Todas as atividades sensoriais são falsas. Sendo tudo um, por que te lamentas, ó coração?

31. Todos os fenômenos, tais como os céus, etc, são tão ilusórios quanto a miragem, proclamam muitos versos védicos. Se é Um incessante e uniformemente permeia tudo, então por que te lamentas, ó coração?

32. O Asceta esclarecido que foi expurgado de todos os desejos maus e está submerso no sentimento de Unidade, por completo, declara a verdade de que jamais alguém consegue conhecê-lo (Brahman), que nem os versos Védicos, nem qualquer definição lógica poderá jamais descrever.

Capítulo 6

1. Os versos védicos repetidamente declaram que todos os fenômenos, tais como os céus, etc, são tão ilusórios quanto a miragem. Se (o Atma) é uma Ventura universal, eterna, quem pode então ser o sujeito ou objeto de comparação?

2. Ele está além de toda a diferença ou não-diferença. Acha-se além de causa e falta de causa. Se é uma ventura universal eterna, como pode ser objeto de adoração ou de austeridades?

3. A mente é perpetuamente onipenetrante. Acha-se destituída de todas as dimensões, grandes ou pequenas. Somente ela (a mente) é uma ventura universal, eterna, mas (o Brahman) se acha além, tanto da mente como da fala.

4. Ele (Brahman) é destituído de todas as divisões de tempo, isto é, dia e noite. Nada tem a ver com aurora ou ocaso. Se é tudo uma Ventura Eterna, como podem o Sol, a Lua e o fogo afetá-lo?

5. Ele está além de todos os sentimentos, paixão e despaixão. Está destituído de todas as atividades e inatividades. Se é tudo uma ventura eterna, como pode a diferença de exterior ou interior se aplicar a ele?

6. Está além da realidade e irrealidade do mesmo modo, além da plenitude e do vazio igualmente. Se é tudo uma ventura eterna, como pode a idéia de Primeiro ou Último se aplicar a ele?

7. Se está destituído de diferença e não-diferença, se está vazio da idéia do sábio e do sabível igualmente, se é tudo uma ventura eterna, como pode a noção do Terceiro ou Quarto estado de consciência se aplicar a ele?

8. Tudo que é ensinado e tudo que não é ensinado são igualmente falsos. Se é tudo uma ventura incessante, como pode ser um objeto do intelecto, mente, ou os sentidos de prazer?

9. Nem o céu nem o ar são reais; tampouco a terra ou o fogo são reais. Se é tudo uma ventura incessante, como pode haver alguma nuvem ou unidade nele?

10. Se está além do mundo criado, se está acima dos deuses criados, se é tudo uma ventura incessante, como pode a faculdade que discrimina entre o bem e o mal atingi-lo?

11. Acha-se além da vida e da morte; além da ação e da inação. Se é tudo uma felicidade perene e incessante, como pode alguém atribuir movimento ou descanso a ele?

12. Nele não existe distinção de Prakriti e Purusha - matéria e espírito. Nele não existe distinção de causa e efeito. Se é tudo uma ventura perene e incessante, como pode alguém dizer que é ou não é o Purusha?

13. Não é afetado nem pelo sofrimento do terceiro nem pelos prazeres do segundo período de vida. Se é tudo uma ventura perene e incessante, como podem idade avançada, a juventude ou a infância ser atribuídas, a ele?

14. Está verazmente acima de todas as etapas de vida e de castas. Não é agente, nem ação. Se é tudo uma ventura perene e incessante, como pode o certo ou errado ser atribuído a ele?

15. O devorador e o devorado são ambos irrealis. O criador e o criado são um. Se é tudo uma ventura perene e incessante, como pode a destruição ou a permanência ser atribuída a ele?

16. Nele desaparece toda a idéia de homem ou animal, a idéia de mulher ou de eunuco. Se é tudo uma ventura universal, como pode o prazer ou dor afetá-lo?

17. Se está além do apego e do pesar, se está destituído de dúvida e ansiedade, se é tudo uma ventura perpétua, como pode a noção de 'Eu' ou 'Meu' aplicar-se a ele?

18. Tanto a virtude como o vício desaparecem nele; tanto a servidão como a liberdade desaparecem nele. Se é tudo uma ventura perpétua, como podem a alegria e o pesar ser atribuídos a ele?

19. Nele não há distinção de sacrificador ou sacrificado, nenhuma distinção da colher sacrificial. Se é tudo uma ventura perpétua, diz, como quaisquer frutos da ação podem ser atribuídos a ele?

20. Está verazmente além da alegria e do pesar, está verazmente destituído de orgulho e humildade. Se é tudo uma ventura perpétua, como pode a paixão ou a apatia ser atribuída a ele?

21. Nele não há sentimento como afeição ou indiferença, nenhum sentimento de cobiça ou não-cobiça. Se é tudo uma ventura perpétua, como pode ser atribuída a ele a faculdade de discriminar?

22. A ele a idéia de "Eu" ou "Tu" jamais se aplica. Todo esse interesse por casta ou família é ilusório. Eu próprio sou a Ventura Suprema. Assim sendo, a quem devo adorar?

23. Está despido de todas as relações de preceptor e discípulo. Acha-se igualmente despido de qualquer noção de ensino. Eu próprio sou a realidade e Ventura Suprema; a quem devo render minhas adorações?

24. Nele não existe idéia deste corpo irreal ou do mundo. Eu sou a realidade e a Ventura Suprema. A quem devo, portanto, prestar minhas adorações?

25. Jamais é apaixonado ou desapaixonado. É verazmente imaculado, imutável e puro. Eu próprio sou a realidade e Ventura Suprema. A quem devo, portanto, prestar minhas adorações?

26. Nele não há idéia do corpo, ou incorporeidade. Essas são todas atividades falsas, não reais. Eu próprio sou a realidade e Ventura Suprema. A quem, devo, portanto, prestar minhas adorações?

27. O Asceta esclarecido que foi expurgado de todos os desejos maus e que está submerso no sentimento de Unidade, por completo, declara a verdade de que ninguém consegue conhecê-lo (o Brahman), que nem os versos védicos, nem as definições lógicas podem jamais descrever.

Capítulo 7

1. O asceta puro e imaculado que está submerso no sentimento de unidade, que veste trapos recolhidos nas ruas e evita a trilha tanto da virtude como do vício, parte para um lugar deserto e se senta por lá, sozinho.

2. O asceta batizado pela pureza da Verdade Eterna e Una está além de metas concebíveis e inconcebíveis, e despido de contato e separação igualmente. Que tem ele a ver com debates ou críticas?

3. Tais ascetas estão livres dos laços todos de esperança, despidos de todos os atos de pureza exterior e privados de tudo. São desposados com a Realidade pura e imaculada, apenas.

4. Como vêm a idéia do corpo e do incorpóreo, a idéia da existência da paixão e a despaixão quando ele (o Atma) é em si mesmo a Realidade pura, imutável e natural mente informe, ilimitada como o espaço?

5. Como pode alguém adquirir qualquer conhecimento ali; como pode haver qualquer forma ou infirmitade? Onde é somente o Mais Alto, ilimitado como o espaço, como pode haver alguma atividade sensorial?

6. Ele é perpetuamente tão ilimitado quanto o céu. Ele é a Verdade, pura e sem mácula. Ele está livre de qualquer servidão e liberdade. Como pode haver nele qualquer noção de diferença ou não-diferença?

7. A Realidade Eterna e Una existe por toda a parte. Como pode existir qualquer noção relativa à união ou desunião? Ele é verazmente o Mais Alto, existindo eternamente por toda a parte. Como pode haver qualquer noção de ganho e perda nele?

8. Ele é a realidade universal e pura. É eternamente imaculado e ilimitado como o céu. Como pode o contato ou separação, a cor ou uma variedade ser verdadeira em relação a ele?

9. O asceta que está despido de união ou de desunião e que é um desfrutador sem desfrutes ou não-desfrutes, alcança gradualmente a felicidade espontânea projetada pela mente.

10. Um asceta que esteja ligado ao conhecimento e ignorância da dualidade ou não-dualidade não pode alcançar a libertação. Como pode tal asceta ser naturalmente desapaixonado e o desfrutador do sentimento puro e sem mácula da Unidade?

11. Ele (o Atma) é infinito e ilimitado como o céu, se for destituído de todas as noções de divisibilidade e indivisibilidade, todas as noções de apego e desapego, como pode haver em relação a ele qualquer noção de verdade ou falsidade?

12. O vidente é perpetuamente avesso a tudo e devotado apenas à auto-compreensão. Ele vai além de todas as verdades elementares e alcança a libertação onde não existe nascimento, nem morte, nem meditação ou seu oposto.

13. Tudo isto (o mundo) é exatamente como uma alucinação mágica ou miragem em deserto de areia. Somente a Ventura, universal, e ininterrupta e ilimitada como o espaço, existe.

14. O Eu está inteiramente além de tudo, além de todas as atividades que começam com as observâncias religiosas e culminam na libertação. Como os eruditos, então, lhe impõem sentimentos como o amor e o desapego?

15. O Asceta esclarecido, que foi expurgado de todos os desejos maus e se acha submerso no sentimento de Unidade por completo, declara a verdade de que jamais alguém consegue conhecê-lo (o Brahman), que nem os versos Védicos, nem as definições lógicas podem descrever.

Capítulo 8

1. Tu és declarado como sendo Onipresente. Uma peregrinação em tua direção significa a negação de tua Onipresença. Tu és declarado como estando além do pensamento. Qualquer contemplação de tua parte implica em que não és assim. Tu és declarado como estando além da fala. Qualquer cântico de louvores a ti significa que tu és acessível à palavra.

2. Aquele cuja mente esteja não-obcecada por paixões, que tenha dominado as atividades sensórias, que seja gentil, puro e pobre, que viva de refeições ligeiras e não tenha desejos, seja tranqüilo e firme, e que tenha buscado apenas meu abrigo, é um sábio (Muni).

3. Aquele que tenha dominado todas as atividades sensórias, que seja esclarecido, sóbrio, corajoso, sem ostentação, capaz, cortês, compadecido e amistoso, é um vidente.

4. Ele é bondoso, paciente, veraz, de alma livre, hostil a ninguém, fazendo o bem a todos e encarando a todos do mesmo modo.

5. As características do asceta (Avadhut) merecem ser conhecidas pelos devotos, pelos seguidores das castas, pelos conhecedores dos segredos dos Vedas e das castas e pelos propagadores dos Vedas e do Vedanta.

6. A letra (a) na palavra Avadhut implica em que ele está livre da esperança, que está livre do começo, do meio e do fim, e que reside perpetuamente na felicidade.

7. A letra (va) no Avadhut implica em que ele está isento de todos os desejos, que sua fala é despida de todo o mal e que ele reside em todas as coisas existentes.

8. A letra (dhu) em Avadhut implica em que seu corpo está coberto de pó e que sua mente foi expurgada de todos os maus pensamentos e que ele se acha livre de todas as enfermidades e que se acha acima da concentração mental e das meditações.

9. A letra (T) em Avadhut significa que ele está obcecado com a contemplação da Realidade, que se acha livre de todas as atividades que causam ansiedades e que se encontra isento das trevas (ignorância) e do egoísmo.

10. O homem vicioso que é descrito como corvo desprezível, ignora o Atma (espírito) imorredouro e imperecível que está isento de todas as diferenças e é (a própria) Liberdade, e marcha para o inferno.

(Os Slokas 11 a 25 condenam os prazeres sexuais. Sua tradução fiel é omitida aqui por motivos de decência).

26. É um grande pecado beber vinho. A prática dos prazeres sensuais é igualmente condenável. O sábio que tenha, portanto, abandonado ambos, estabelece-se na verdade.

27. O corpo material sofre quando a mente se acha perturbada com ansiedades. Quando a mente se encontra enferma as partes do corpo também sofrem. A mente, portanto, merece ser conservada de todos os modos. Apenas na mente sadia todas as faculdades prosperam.

28. Este livro foi escrito Pelo Asceta venturoso Dattatreya. Aqueles que o lerem ou ouvirem se tomarão unes aos nascimentos futuros.